



Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES
Curso de Psicologia

**METÁFORAS SOBRE O BEM ESTAR E FELICIDADE NO DISCURSO DE
ADOLESCENTES**

Lívia Gomes Soares

Brasília

Dezembro de 2013



Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES
Curso de Psicologia

**METÁFORAS SOBRE O BEM ESTAR E FELICIDADE NO DISCURSO DE
ADOLESCENTES**

Lívia Gomes Soares

Projeto de pesquisa apresentado como uma das atividades programadas pela disciplina Estágio Básico II – Laboratório de Pesquisa, do Curso de Graduação em Psicologia do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília, ministrada pela Professora Marcella Laureano.

Brasília
Dezembro de 2013

SUMÁRIO

Introdução	2
Justificativa	3
Objetivo Geral	3
Objetivo Específico	3
Fundamentação Teórica	4
Método	15
Participantes	15
Local	15
Instrumento	15
Procedimento	16
Resultados	16
Discussão dos resultados	19
Referências Bibliográficas	23

Introdução

A busca pela felicidade vem sendo um dos maiores anseios da sociedade pós-moderna. Hoje, há uma forte tendência em valorizar mais o ter do que o ser, os bens de consumo e a imagem corporal, são cada vez mais destacados pela mídia, e é exigido um estado de bem estar, evitando a qualquer custo a dor e o sofrimento, mesmo que para isso, tenha que ser utilizado medicamentos psicofarmacológicos.

Birman (1999) exhibe esse cenário, afirmando que essa busca pela felicidade criou no imaginário social uma cultura de existência mais saudável, que colocou em evidência as academias de ginástica, as massagens orientais, novas dietas, spas, suplementos vitamínicos, que prometem garantir a juventude eterna. Em contrapartida, o autor revela que, junto com essa nova cultura, surgiu também o processo de medicalização e a indústria das cirurgias plásticas que incidem no corpo o foco do possível mal-estar.

As palavras que mais definem o cenário contemporâneo são a mobilidade, enfermidade, transitoriedade, colocando em evidência a crise de identidade que sofrem os sujeitos pós-modernos. Assim, é muito difícil para o indivíduo sustentar uma identidade durável e estável, uma vez que ter múltiplas identidades significa liberdade para decidir seus relacionamentos, para mover-se e adotar vários estilos de consumo. (Rocha e Garcia, 2008)

Lipovetsky (2007) corrobora esse aspecto, afirmando que a quantidade de variáveis e possibilidades a qual o jovem está exposto, dificulta na busca pela sua identidade.

É nesse cenário que o adolescente está exposto e terá o grande desafio de construir a sua personalidade. Em meio a seus conflitos de ordem biológica e psicológica, seus medos

e suas dúvidas, o caminho de tornar-se adulto, apresentará ao jovem uma enorme exigência da sociedade movida pela imagem e pela estética perfeita, pelo consumo de bens e pelo equilíbrio de seus humores e emoções.

Justificativa

A realização desse projeto de pesquisa é importante para demonstrar a influência da cultura do bem estar e da felicidade da sociedade pós-moderna na construção da identidade de adolescentes, contribuindo para esclarecer e conscientizar a sociedade sobre o impacto que, principalmente, a lógica do consumo e da estética, bem como a utilização de medicamentos, tem sobre a edificação da identidade desses jovens.

Objetivo geral

Analisar o papel das metáforas sobre o bem estar e felicidade na construção da identidade na adolescência.

Objetivo Específico

- 1) Relacionar essas metáforas com os paradigmas de bem estar e felicidade contemporâneos e suas consequências para a construção da identidade na adolescência;
- 2) Identificar as metáforas sobre o bem estar e felicidade no discurso de adolescentes num grupo terapêutico

Fundamentação Teórica

Adolescência

A palavra adolescência possui dupla origem etimológica no latim: “ad” (a, para) + “olescere” (crescer), significando processo de crescimento e “adolescere”, que é origem da palavra adoecer. (Diniz, 2010)

Na visão de Outeral (1994, citado em Diniz, 2010), a adolescência significaria tanto a capacidade para o crescimento, no âmbito físico e psíquico, como também uma capacidade para adoecer, relacionados a desordens emocionais devido às transformações mentais e biológicas que acontecem nesse processo de amadurecimento em direção à fase adulta.

No Brasil, a lei 8.069 do Estatuto da Criança e do Adolescente define o período da adolescência entre faixa etária de 12 a 18 anos de idade (1990).

Para Calligaris (2000), esta fase se dá pelo início da puberdade, ou seja, quando há o amadurecimento dos órgãos sexuais, e observa-se uma mudança no corpo do indivíduo, que adquire os tributos e as funções do corpo adulto.

A pesar de muitas controvérsias sobre o começo da adolescência, Levisky (2009) aponta que a adolescência é uma fase que ocorre durante o processo evolutivo do indivíduo, sendo caracterizado por uma revolução biopsicossocial. Ou seja, para ele, esse processo que marca a transição do estado infantil para o estado adulto, sofre influência direta da cultura e da sociedade, pois afeta aspectos psicológicos, comportamentais e de adaptação social do indivíduo.

Erikson (1987, citado em Diniz, 2010) em consonância com o posicionamento de Levisky, também afirma que o ambiente influencia diretamente na construção da personalidade do indivíduo, abrangendo a perspectiva do desenvolvimento humano.

Assim, Rocha e Garcia (2008) elucidaram a influência do meio, citando a juventude de 1968, caracterizada pela busca de independência e uma cultura própria, que a desvinculasse do sistema capitalista dominante da época. Contudo, com as complexas mudanças sócio culturais que ocorreram na sociedade, esse modelo não se sustentou. Para as autoras, a lógica do consumo, instalada nos tempos atuais, modificou os estilos de vida dos jovens, criando uma nova idealização de juventude com ideias consumistas e regida pela lógica da liberdade.

Portanto, as palavras que mais definem o cenário contemporâneo são a mobilidade, enfermidade, transitoriedade, colocando em evidência a crise de identidade que sofrem os sujeitos pós-modernos. Assim, é muito difícil para o indivíduo sustentar uma identidade durável e estável, uma vez que ter múltiplas identidades significa liberdade para decidir seus relacionamentos, para mover-se e adotar vários estilos de consumo. (Rocha e Garcia, 2008)

Lipovetsky (2007) corrobora esse aspecto, afirmando que a quantidade de variáveis e possibilidades a qual o jovem está exposto, dificulta na busca pela sua identidade.

Featherstone (1997, citado em Rocha e Garcia, 2008) considera que a formação da identidade na sociedade atual se dá pelo valor simbólico que se atribui aos estilos e imagens, e que essa estetização da vida cotidiana está diretamente ligada ao consumo.

Nesse sentido, segundo Rocha e Garcia (2008), a estetização da vida é mais atribuída aos jovens, uma vez que se preocupam mais com a moda, com o look e a apresentação do eu, codificando-os em seus corpos e relacionamentos.

O que se é consumido, ou como os objetos de consumo enfeitam o corpo, estabelecem uma imagem e estilo que se transformam em formas de ser reconhecido ou de pertencer a um determinado grupo social, bem como a modos de pensar e ser. Por isso, o adolescente está sempre atento à sua imagem e tem consciência de que ela pode lhe permitir mobilidade pelos espaços a quais querem frequentar. (Castro,1999 citado em Rocha e Garcia, 2008)

Todos esses aspectos ampliam as dificuldades e complexidades que os jovens enfrentam para ingressar na vida adulta, muitas vezes prolongando esse processo enfrentando um cenário mais penoso. Independente do contexto sociocultural, esta fase sempre será de desequilíbrio e crise, pois o adolescente passa ainda por mudanças fisiológicas e psicológicas. (Levisky, 2009)

Estudos feitos por Stanley Hall mostraram que esta fase é marcada por turbulências e instabilidade emocional, devido ao aparecimento da sexualidade, bem como alterações repentinas de humor, estando o indivíduo alegre num momento e depressivo no outro. (Diniz, 2010)

Erikson (1987, citado em Diniz, 2010), introduz a expressão “crise de identidade” para denominar essa fase do desenvolvimento humano, que causa incertezas durante as transformações da adolescência. O autor denominou essa fase marcada pela dificuldade de construção da identidade, como moratória social, onde instala-se um hiato entre

incorporação do adolescente ao modelo de vida adulto, tendo ele a chance de experimentar e exercer diferentes papéis.

Mesmo que se sinta capaz, instruído e treinado, o adolescente ainda não é reconhecido como adulto, pois, por mais 10 anos, ainda ficará sob a tutela dos adultos, preparando-se para o trabalho, amor e sexo, sem de fato amar, ganhar ou produzir, ou mesmo, fazendo tudo isso de forma marginal. Para ele, este é um tempo de suspensão entre a maturação dos corpos e a autorização da realização dos valores sociais transmitidos pela sociedade. (Calligaris, 2000)

A contradição que se instala é que, para os jovens, é cultivado um ideal de autonomia, mas ao mesmo tempo há uma continuação de sua independência, conferida pela moratória. Assim, afirma que a desculpa para justificar esse adiamento ou “moratória” do jovem é problemática, pois, ao mesmo tempo que este possui um corpo maduro, o adolescente é considerado imaturo. Para o autor, é justamente essa espera que o torna inapto e imaturo. Ele ainda cita o exemplo de épocas onde a moratória não era imposta, e que jovens de 15 anos já comandavam navios, levavam exércitos à batalha ou já eram competentes para tocar negócios. (Calligaris, 2000)

Essa moratória forçada gera uma insegurança no jovem e agita questões como: “o que eles esperam de mim? Como conseguir que me reconheçam e admitam como adulto? Porque me idealizam?”, que o levam a expressar sentimentos de rebeldia, contra essa moratória injusta, uma frustração por ter que ser feliz, além da incerteza de quando e como entrará na vida adulta. (Calligaris, 2000)

Algumas sociedades criam “rituais de passagem”, para facilitar o processo de integração à comunidade adulta que marcam a “ruptura dos jovens de seus laços domésticos e consagram a passagem da vida circunscrita à família para a vida comunitária”. (Levisky, 2009)

Calligaris (2000) aponta que esses rituais os definem como adultos ou não, ficando evidente para eles o que se deve fazer, as lutas que se deve ganhar, para ser considerado adulto. Na cultura moderna ocidental, isso fica em aberto, gerando uma série de confusões, inseguranças e indefinições para o adolescente. Não há com saber o quanto de desejo e quanta inveja é preciso, ou que provas o jovem deveria ganhar para ser considerado adulto.

Levisky (2009) afirma que em nossa cultura, há uma discrepância entre os processos de maturação psicológica, biológica e social. Para ele, não existe um ritual de passagem definido e é necessário passar por várias etapas em diferentes setores da vida para conquistar o status adulto: profissional, psicológica, social, comunitária, econômica, religiosa, legal, moral, e outros. Como exemplo, entre adolescentes da classe média, ter um carro ou prestar vestibular, é um critério de valor para a passagem à vida adulta.

O mundo adulto continua sendo idealizado em suas normas e regras sociais, mesmo assim, “tem-se de viver com suas contradições, o que contribui para incrementar os conflitos do adolescente, cujo processo, por si só, é rico em contradições.” Levisky (2009).

Metáforas sobre o Bem estar e a Felicidade

Em sua obra, “A Felicidade Paradoxal”, Lipovetsky (2007) classifica o sujeito pós-moderno como um turboconsumidor individualista, que busca a todo custo satisfações

emocionais imediatas, maior bem estar, qualidade de vida, saúde, felicidade voltada para o conforto psíquico e harmonia interior.

Freud (1930) explica que essa busca pelo prazer, é uma tendência do ego a rejeitar tudo o que pode se tornar fonte de desprazer, fazendo dessa procura, objetivo de todo ser humano. Assim, o autor define felicidade como “experiência de intensos sentimentos de prazer”.

O que chamamos de felicidade no sentido mais restrito provém da satisfação (de preferência, repentina) de necessidades represadas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica. Quando qualquer situação desejada pelo princípio do prazer se prolonga, ela produz tão-somente um sentimento de contentamento muito tênue. (Freud, 1930, p.7)

Para tanto, Birman (1999) afirma que essa busca pela felicidade criou no imaginário social uma cultura de existência mais saudável, que colocou em evidência as academias de ginástica, as massagens orientais, novas dietas, spas, suplementos vitamínicos, que prometem garantir a juventude eterna. Em contrapartida, o autor revela que, junto com essa nova cultura, surgiu também o processo de medicalização e a indústria das cirurgias plásticas que incidem no corpo o foco do possível mal-estar.

Lipovetsky (2007) aponta que o mal estar se revela no indivíduo como uma enorme infelicidade e desamparo, estando o sujeito constantemente exposto a ansiedades, medos e frustrações.

Assim, Birman (1999) destaca o rápido crescimento da psicofarmacologia, pois, diante de qualquer desconforto psíquico, os clínicos passam a receitar, sem qualquer preocupação com a singularidade da experiência de cada paciente, “psicofármacos

mágicos”. Para o autor, o que está em pauta na civilização pós-moderna é o evitamento da dor e do sofrimento psíquico. Complementa ainda que, na “sociedade do espetáculo” não se admite indivíduos desesperados e que sofrem, e o que interessa é a estética da existência e o engrandecimento do eu. Assim, o autor revela que o grande conflito vivido pelos indivíduos é que, para serem aceitos nessa sociedade, precisam regular seus humores por meio do consumo de medicamentos.

Este mal estar, revela Birman (1999), já aparecia desde os anos 70 e 80, mas foi nos anos 90 que surgiu de forma radical, evidenciando explicitamente suas marcas nos registros do corpo e da ação.

Os indivíduos passaram a se queixar muito de dores no corpo, esgotamento físico e mental, definindo todos esses sintomas somáticos com a palavra stress, termo reforçado pela mídia, médicos e senso comum. (Birman, 1999)

Do ponto de vista de Lipovetsky (2007), esses descontentamentos individuais são reflexos do hiperconsumo, onde consome-se cada vez mais e vive-se cada vez menos, fazendo com que as insatisfações cresçam mais depressa que as ofertas de felicidade.

Scitovsky (2001, citado em Lipovetsky, 2007) afirma que o que leva o consumidor a desinteressar-se pela aquisição de um bem ou um serviço para adquirir outro, é o desejo de mudanças e novidades, e a tentativa de obter experiências variadas. Para ele, o ser humano precisa de surpresas, do inabitual, de certo grau de inesperado para gozar o máximo das coisas.

Lipovetsky (2007) completa o pensamento de Scitovsky afirmando que “da aquisição das coisas espera-se um conforto suplementar e instantes de prazer.”

“A retórica da alma foi substituída pela do corpo sob a égide da moral do consumo. Um imperativo de prazer impõe ao ator, à revelia, práticas de consumo visando aumentar o hedonismo de acordo com um jogo de marcas distintivas.” (Lebreton, 2003)

Ao difundir o ideal de auto-realização, a sociedade de hiperconsumo, aumentou as divergências entre o real e o imaginário, o desejável e o efetivo, destradicionalizando os modos de existência. Assim, as vidas profissionais e pessoais tornaram-se incertas, os motivos para o indivíduo se sentir amargo, fazer um julgamento negativo da própria vida e duvidar-se de si, se multiplicaram, tornando-se visíveis as depressões e ansiedades, assinalando a vulnerabilidade do sujeito. (Lipovetsky, 2007)

Para Freud (1930), essa infelicidade é fácil de experimentar, pois o sofrimento ameaça o indivíduo a partir de três direções:

... de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens. O sofrimento que provém dessa última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro. Tendemos a encará-lo como uma espécie de acréscimo gratuito, embora ele não possa ser menos fatidicamente inevitável do que o sofrimento oriundo de outras fontes. (Freud, 1930, p. 7).

Lipovetsky (2007), afirma que publicidade tem um papel de destaque neste cenário, pois a todo tempo bombardeia os consumidores impulsionando a novos desejos, criando

necessidades supérfluas, identificando a felicidade aos bens de mercado, o que aprofunda ainda mais a insatisfação dos indivíduos.

A evolução dos comportamentos relativos ao corpo e à moda também tem como propulsor o poder da publicidade, pois hoje observa-se a tirania da beleza (magreza e juventude) associada a campanhas publicitárias em revistas femininas, cosméticas, imagens de top models. Isso resulta na insatisfação e ansiedade crescente em mulheres em relação ao corpo, a disseminação de produtos de cuidados pessoais. (Lipovetsky, 2007)

Para Lebreton (2003), essa necessidade de valorização da aparência, coloca o sujeito sob o olhar apreciativo do outro, e faz do corpo um constante objeto de preocupação. Nesse sentido, o autor revela que este corpo é visto como trunfo e que por meio dele o indivíduo retira um benefício narcíseo e social.

Baudrillard (1970, citado em Lebreton, 2003), afirmando o posicionamento de Lebreton, reforça que o corpo tornou-se objeto de reverência.

Assim, para Lipovetsky (2007), é por meio do consumo que a identidade da grande maioria dos jovens é construída, pois estes precisam afirmam-se pelo *look* e pelos signos do consumo.

Entretanto, apesar da enorme influência da publicidade, o autor revela que o sujeito continua a ser um ator que filtra o que lhe é interessante ou não, tendo o poder de escolha, e selecionando apenas aquilo que lhe interessa. Para ele, é preciso recusar a ideia ligada ao hiperconsumo, pois, para ser experimentado, o prazer não exige coisas ou seres com qualidades extraordinárias. (Lipovetsky, 2007)

Com isso, Freud (1930) afirma que, apesar de não ser possível o atingimento da felicidade plena, de acordo com o princípio do prazer, o indivíduo não deve e não pode abandonar os esforços dessa aproximação. Para ele, vários são os caminhos a serem seguidos na busca da obtenção do prazer, bem como para evitar o desprazer. Mesmo assim, defende que:

... nenhum desses caminhos nos leva a tudo o que desejamos. A felicidade, no reduzido sentido em que a reconhecemos como possível, constitui um problema da economia da libido do indivíduo. Não existe uma regra de ouro que se aplique a todos: todo homem tem de descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo. (Freud, 1930, p.11)

Por fim, Lipovetsky (2007) afirma que as maiores felicidades e infelicidades do ser humano estão mais associadas à relação que cada indivíduo tem consigo mesmo e com os outros do que com a aquisição das coisas. São as pessoas, muito mais do que os objetos que despertam alegrias, mas também dores. O ideal dos seres humanos não se reduz a possuir, adquirir, usufruir coisas, mas também lutar, agir, transformar e realizar algo que lhes dê uma imagem positiva de si mesmo. Exemplo disso é a educação dos filhos, trabalho, organização da casa, etc. Essas são necessidades humanas intransponíveis, fonte das satisfações e de mobilização de si, onde “as prioridades do fazer vem relativizar ou compensar as frustrações do ter.”

Metodologia

Neste trabalho foi utilizada a metodologia da Análise do Discurso que, segundo Orlandi (2001), tem como interesse estudar como a língua funciona para a produção de sentidos, o que permite uma análise além de frases, ou seja, permite a análise de textos. Assim, a autora defende que a AD tem como seu objeto o discurso.

Participantes

Foram observadas quatro adolescentes, com idades entre 12 e 15 anos, durante duas sessões de terapia em grupo, que faz parte da Disciplina de Estágio Específico em clínica do 10º semestre.

Local

A pesquisa foi realizada no CENFOR – Centro de Formação de Psicólogos, do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, em uma sala de observações privada, sem que as adolescentes percebessem a participação das estudantes.

Instrumento

Neste trabalho foi utilizado como instrumento gravador de áudio para gravar as sessões terapêuticas, além de câmera fotográfica para registrar o material produzido pelas adolescentes.

Procedimento

Foram realizadas duas visitas ao CENFOR, em dias de sábado, das 10h às 11h da manhã, com o objetivo de participar como ouvinte de uma sessão de terapia em grupo com as quatro adolescentes. As conversas foram gravadas e depois transcritas para análise.

Além disso, nos dias das visitas, foram colhidas mais informações sobre as adolescentes por meio dos Relatórios de Sessão de Atendimento Individual, Relatório Final de Psicoterapia Infantil, além de materiais produzidos pelas jovens em sessões de terapia.

Resultados

Por meio de análise dos relatórios psicológicos e material elaborado durante as sessões de psicoterapia pelas adolescentes, obteve-se o cenário abaixo:

O Relatório Psicológico elaborado pela estagiária de Psicologia em junho de 2013, a adolescente L. apresenta como queixa a dificuldade em sociabilizar e fazer amigos. Além disso, a aplicação do teste HTP apresentou características: retraída, dificuldade com a auto imagem.

No Relatório de sessão de atendimento individual produzido em 6/7/13, a mãe da adolescente L. fala que desde pequena ela tem dificuldade em fazer amizades e de conversar com as pessoas. Já sofreu bullying na escola, onde foi chamada de gorda e depois disso ela se afastou. Sente vergonha do seu corpo, se achando muito gorda e tenta esconder seu corpo, evitando usar vestido.

Sobre a mesma adolescente, Relatório de sessão de atendimento individual produzido em 29/6/13, ela e a estagiária jogaram o jogo da vida do Bob esponja e a jovem relatou que quando crescer quer ter muito dinheiro para compra roupa.

Em uma atividade proposta de exploração de um quadro que possibilita visualizar a trajetória do paciente na terapia e na reflexão acerca de si, representado pela figura 1, a adolescente L. fez recortes que destacaram roupa, maquiagem, moda, cosméticos, e relata querer ser e estar bonita, além de ter muitas amigas.



Figura 1. Quadro de trajetória do paciente na terapia e na reflexão acerca de si.

Já no material elaborado pela adolescente I., representado pela figura 2, a mesma se refere à cantora Beyonce como: “Ser um exemplo, ser bonita e independente.”

Com relação à foto da atriz Aline Moraes, a jovem escreve a palavra Coragem e explica que gostaria de não ter vergonha do problema na perna. Ainda com relação à questão da perna, Mostra a atriz Taís Araújo, e diz: “vivo cobrindo o problema na perna e ninguém repara.”



Figura 2

No Relatório de sessão da adolescente M., em agosto de 2013, foi relatado que a jovem vai mal nos estudos, tem dificuldade escolar, reprovou ano passado e que a coordenadora pedagógica da escola e a diretora fizeram uma reunião com a mãe e disseram que se a jovem não melhorar ela irá reprovar de ano. Por isso, M. começou a tomar ritalina e melhorou um pouco a atenção e concentração. A mãe disse que tem esperanças de que ela passe de ano com a ajuda do remédio.

Em análise ao material feito pela adolescente (Figura 3) onde relatava as coisas boas e ruins que possuía, a mesma citou como maior parte de sua insatisfação as partes do corpo.

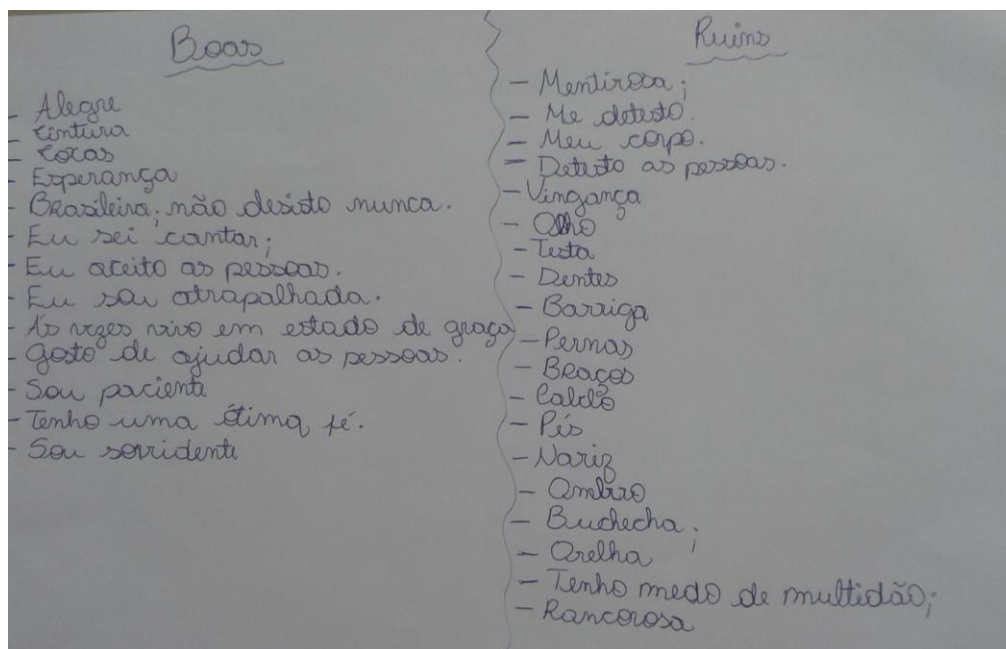


Figura 3

Discussão dos resultados

Os resultados apontam que há uma forte influência da sociedade de consumo, com signos de identificação da beleza por meio do corpo, além do uso de medicalização como via para o Bem estar e a felicidade.

Isso fica evidente no material analisado da adolescente L., que apresenta dificuldade com a auto imagem, relatando que já sofreu bullying na escola, sendo chamada de gorda e que por isso, se afastou dos colegas. Além disso, relata sentir vergonha do seu corpo, se achando muito gorda e tentando esconder seu corpo, evitando usar vestido.

Ainda, fica evidente a lógica do consumo, quando a mesma adolescente diz que quando crescer quer ter muito dinheiro para compra roupa e em seus recortes de revista,

destacou roupas, maquiagem, moda, cosméticos, e relatou querer ser e estar bonita, além de ter muitas amigas.

Esses relatos corroboram com a literatura, quando Castro (1999, citado em Rocha e Garcia, 2008) afirma que, o que se é consumido, ou como os objetos de consumo enfeitam o corpo, estabelecem uma imagem e estilo que se transformam em formas de ser reconhecido ou de pertencer a um determinado grupo social, bem como a modos de pensar e ser. Por isso, o adolescente está sempre atento à sua imagem e tem consciência de que ela pode lhe permitir mobilidade pelos espaços a quais querem frequentar.

Lipovetsky (2007), complementa, apontando que a evolução dos comportamentos relativos ao corpo e à moda também tem como propulsor o poder da publicidade, pois hoje se observa a tirania da beleza (magreza e juventude) associada a campanhas publicitárias em revistas femininas, cosméticas, imagens de top models. Isso resulta na insatisfação e ansiedade crescente em mulheres em relação ao corpo, a disseminação de produtos de cuidados pessoais.

O autor afirma ainda que a publicidade tem um papel de destaque neste cenário, pois a todo tempo bombardeia os consumidores impulsionando a novos desejos, criando necessidades supérfluas, identificando a felicidade aos bens de mercado, o que aprofunda ainda mais a insatisfação dos indivíduos. (Lipovetsky, 2007).

Assim, no material elaborado pela adolescente I., onde se refere à cantora Beyonce como um exemplo a ser seguido, por ser bonita e independente, fica claro a influência das campanhas publicitárias em revistas femininas, cosméticas, imagens de top models. Contudo, mostra também sua insatisfação e ansiedade com relação ao corpo, por ter uma

deficiência na perna. A mesma relata que vive cobrindo o problema na perna e que gostaria de não ter vergonha desse problema.

No material feito pela adolescente M. que citou quase todas as suas insatisfações relacionadas a partes do corpo (Ruins: “mentirosa, me detesto, meu corpo, detesto as pessoas, vingança, olho, testa, dentes, barriga, pernas, braços, cabelo, pés, nariz, ombro, bochecha, orelha, tenho medo de multidão, rancorosa”) fica evidente o lugar de destaque que coloca o corpo e seus desdobramentos por não ter um corpo “perfeito”, o que é exigido pela sociedade.

Para Lebreton (2003), a necessidade de valorização da aparência, coloca o sujeito sob o olhar apreciativo do outro, e faz do corpo um constante objeto de preocupação. Nesse sentido, o autor revela que este corpo é visto como trunfo e que por meio dele o indivíduo retira um benefício narcíseo e social.

Outro ponto importante a se destacar é o uso da medicalização para o alcance do bem estar e felicidade na sociedade, que ficou evidente no relato da adolescente M. que passou a ser medicada com Ritalina, sem qualquer exame prévio, pois não ia bem nos estudos, e que após o uso, melhorou a atenção e concentração.

Segundo Birman (1999), houve um rápido crescimento da psicofarmacologia, pois, diante de qualquer desconforto psíquico, os clínicos passam a receitar, sem qualquer preocupação com a singularidade da experiência de cada paciente, “psicofármacos mágicos”. Para o autor, o que está em pauta na civilização pós-moderna é o evitamento da dor e do sofrimento psíquico. Complementa ainda que, na “sociedade do espetáculo” não se admite indivíduos desesperados e que sofrem, e o que interessa é a estética da existência e o engrandecimento do eu. Assim, o autor revela que o grande conflito vivido pelos indivíduos

é que, para serem aceitos nessa sociedade, precisam regular seus humores por meio do consumo de medicamentos.

Esse cenário demonstra o grau de desconforto vivido pelas adolescentes observadas, que vivem numa eterna busca do bem estar e da felicidade pelos meios de consumo, valorização do corpo e da estética, e uso de psicofármacos. Assim, constroem suas identidades em meio a esse cenário, e a busca, que deveria trazer a tão sonhada felicidade, acaba se transformando em mais sofrimento e angústia, por nunca conseguir atingir o ideal imposto e exigido pela sociedade.

Referências bibliográficas

- Birman, J. (1999). *O mal-estar na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira
- Calligaris, C. (2000). *A Adolescência*. São Paulo: Publifolha.
- Diniz, L. R. (2010). *Um espelho para se contemplar: a adolescência em discursos de adolescentes da zona rural*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Retirado em <http://www.ufpe.br/pospsicologia/images/Dissertacoes/2010/dinizraposo.pdf>
- Freud, S. (1930). *O mal-estar na civilização*. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago.
- Le Breton, D. (2003). *Adeus ao corpo: Antropologia e Sociedade*. São Paulo: Papyrus
- Lipovetsky, G. (2007). *A Felicidade Paradoxal: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Orlandi, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- Rocha, A. P. R. & Garcia, C. A. (2008). *A Adolescência como Ideal cultural contemporâneo*. Psicologia ciência e profissão. Rio de Janeiro. Retirado em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v28n3/v28n3a14.pdf>